
CARTILHA

FUNDOS SOLIDÁRIOS
INSTRUMENTOS PARA O
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SOLIDÁRIO



EDUARDO GIRÃO SANTIAGO

SUMÁRIO

CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DO MUNDO DO TRABALHO	3
MAS, NEM SEMPRE FOI ASSIM... O MUNDO JÁ FOI MAIS SOLIDÁRIO	4
A HISTORIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO: CAPITAL VERSUS OS IDEAIS SOCIALISTAS	5
PENSAMENTOS TEÓRICOS RECENTES E A ECONOMIA SOLIDÁRIA	7
FUNDOS SOLIDÁRIOS E O DIREITO DOS TRABALHADORES PRODUZIREM E VIVEREM EM COOPERAÇÃO DE MANEIRA SUSTENTÁVEL	8
FUNDOS SOLIDÁRIOS NO BRASIL: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CASOS CONCRETOS	10
REFERÊNCIAS	15

CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DO MUNDO DO TRABALHO

Segundo a Organização Internacional do Trabalho- OIT, em 2006:

- ✓ Um bilhão de seres humanos na condição de desemprego e de inserção precária no mercado de trabalho (200 milhões de desempregados e 800 milhões excluídos dos benefícios da legislação trabalhista e do chamado “trabalho decente”).
- ✓ Chegamos a uma situação contraditória: a economia mundial cresceu 5,1% e o emprego cresceu somente 1,8%.
- ✓ No final do século XX e início do século XXI, observamos a redução dos empregos formais e o crescimento do auto-emprego.
- ✓ Um novo modelo de economia capitalista: era de incertezas, o trabalho no prejuízo e a acumulação flexível de capital em alta (incessante revolução tecnológica e do conhecimento excludente; aumento permanente da competitividade; produção baseada na “destruição criadora”, novas formas de gestão da produção e do consumo, no empreendedorismo e no individualismo).



- ✓ Vivenciamos, no atual modelo capitalista, a gravidade da “naturalização” do fenômeno do desemprego, onde seres humanos sem trabalho “flutuam na vida à deriva”, sem

perspectivas. Onde países invadem países sob o pretexto da “ordem democrática e da paz”.

✓ Assistimos e sofremos um “vigoroso capitalismo” que degrada o meio ambiente, que destrói os recursos naturais do Planeta.

✓ Somos envolvidos num capitalismo voraz, onde a instabilidade pretende ser o normal, onde não mais se pensa em longo prazo, onde o apelo de ser competitivo afrouxa os laços de confiança e de solidariedade e “divorcia a vontade do comportamento”.

MAS, NEM SEMPRE FOI ASSIM... O MUNDO JÁ FOI MAIS SOLIDÁRIO!

✓ Apesar de todos estes problemas atuais, mesmo considerando a “naturalização”, parte da humanidade reage de forma cidadã: Davos, Seattle, Nova Iorque, Porto Alegre, Gênova, Índia, Venezuela, Belém, Dakar são fóruns que bradam: “Um outro mundo é possível”; “Uma nova economia é possível”; “Uma outra economia acontece” e “A economia solidária acontece”.

✓ As passagens bíblicas sobre as primeiras comunidades solidárias cristãs, a existência das guildas, das confrarias e corporações de ofício da idade média foram práticas de trabalho associativo e solidário.

✓ Foram épocas onde o mercado não era hegemônico e o trabalho ainda não se havia tornado “mercadoria” comprada por produtores capitalistas, mas uma relação social de produção destinada ao suprimento das necessidades humanas.



✓ Sobre estas formas de trabalho, Durkheim definia essa solidariedade mecânica como *“um poder moral capaz de conter no coração dos trabalhadores um sentimento mais vivo de sua solidariedade comum, de impedir que a lei do mais forte se aplique de maneira tão brutal nas relações industriais e comerciais”*.

A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO: CAPITAL VERSUS OS IDEIAS SOCIALISTAS

✓ A história permanente dos homens: as lutas por melhores condições de trabalho e vida. Os ideais e ações dos pensadores socialistas dos séculos XVIII e XIX.

✓ Jean Charles Léonard de Sismondi, pensador econômico suíço, considerado por Marx um socialista pequeno-burguês, analisou com muita pertinência as contradições inerentes às relações de produção modernas. Antecipou o caráter mortífero das máquinas e da divisão do trabalho, a concentração dos capitais e da propriedade territorial.

✓ Previu a surperprodução, as crises, a decadência dos pequenos produtores, a anarquia da produção a desigualdade social e de renda, as guerras industriais de extermínio entre as nações e das nacionalidades.

✓ Claude-Henri de Saint-Simon, um dos socialistas considerados utópicos, apresenta uma compreensão das contradições, dos conflitos e das desigualdades existentes em todas as sociedades. Ajudou a criar uma ciência (Sociologia) para *“melhorar as condições físicas e morais das classes pobres”*.

✓ Esboçou a visão de um sistema industrial, calcado na sociedade do trabalho cujo objetivo seria buscar o melhor bem-estar para os trabalhadores, *“de todas as classes”*, unidas em associações.



Charles Fourier, também um dos principais representantes do socialismo utópico, via nas desordens sociais provocadas pela busca do lucro pelos detentores do poder econômico os sinais de decadência da civilização.

- ✓ Para substituir o liberalismo econômico, Fourier sugeria a “liberdade das paixões”, baseada na “atração social”. Para isso, propôs a criação de comunidades cooperativas livres, os “falanstérios”, base de uma nova organização social.
- ✓ Os Centros Públicos de Economia Solidária, praticados no Brasil mediante cooperação ativa entre os movimentos da Economia Solidária e arranjos institucionais do governo seria a utópica busca da Icária?
- ✓ Pierre Joseph Proudhon, pensador teórico do anarquismo, movimento reformista do século XIX, combatia a religião e o Estado. Só aceitava a autoridade da justiça igualitária, “reconhecendo no outro uma força igual à nossa”.
- ✓ Condenava a propriedade capitalista, a renda, os juros e os lucros. Propôs o mutualismo como organização econômica ideal. Para a formação de capitais, existiria um banco diferente dos bancos capitalistas (Banc d’Échange).
- ✓ O dinheiro deveria ser substituído por “certificados de circulação”. Teria sido Proudhon o precursor das práticas atuais das moedas sociais e dos bancos comunitários?



✓ Robert Owen, industrial e socialista reformador inglês foi autor das colônias cooperativas de produção e iniciador dos movimentos trabalhistas. Criador dos sistemas de autogestão. Renovou algumas práticas trabalhistas na Inglaterra. Não empregava menores, cuidava da educação dos seus trabalhadores. É possível que tenha sido um dos pioneiros da polêmica “responsabilidade social” contemporânea.

PENSAMENTOS TEÓRICOS RECENTES E A ECONOMIA SOLIDÁRIA

✓ Karl Polanyi, em *A grande transformação-origem de nossa época* coloca-se radicalmente contra a hegemonia do mercado e da racionalidade pragmática do lucro, destacando que o que salvará a humanidade será a absolutização dos princípios da sociedade.

✓ Diz esse pensador que “a redução do homem à mão-de-obra e da natureza à terra, sob o impulso da economia de mercado, transforma a História em um drama profundo no qual, a sociedade acorrentada, finalmente, rompe os seus grilhões.

✓ Segundo Polanyi, a economia de mercado foi astúcia do século XIX, calcada em princípios de liberdade e de livre comércio. Na verdade, a história revela que a sociedade é rica em exemplos de formas de intercâmbio, trocas e dádivas praticadas não em princípios voltados para a acumulação, mas ancoradas em outros valores não pecuniários.



Celso Furtado e o *Mito do desenvolvimento econômico*: neste livro, este economista adverte ser improvável que todas as nações pratiquem um nível desenfreado de crescimento econômico baseado em padrões consumistas, pois, se isso ocorresse a pressão sobre os recursos naturais seria de tal ordem que o Planeta entraria em colapso.

✓ Por fim, Joseph Schumpeter, o mago da nova economia, o teórico da “destruição criativa”, o grande mentor e inspirador do empreendedorismo, contraditoriamente afirmou em seu livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (1942), que, a despeito de todo o colosso capitalista, o socialismo seria o sistema econômico do futuro (Uma outra economia acontecerá?)

FUNDOS SOLIDÁRIOS E O DIREITO DOS TRABALHADORES PRODUIREM E VIVEREM EM COOPERAÇÃO DE MANEIRA SUSTENTÁVEL

✓ O significado do lema *“Pelo direito dos trabalhadores produzirem e viverem em cooperação de maneira sustentável”* consiste na resistência de movimentos sociais associativos e produtivos contra o modelo econômico hegemônico e excludente.

✓ O sentido deste lema quer assegurar o espaço da sobrevivência e da vida para segmentos produtivos considerados “socialmente débeis”, porque deixados à deriva no mar revolto da acumulação capitalista flexível.

✓ É nesta perspectiva que os Fundos Solidários se constituem vertentes da Política Nacional de Economia Solidária e se configuram como instrumentos vitais para a emancipação de trabalhadores excluídos do sistema produtivo hegemônico.



✓ A prática destes fundos solidários, fundos rotativos solidários, investimentos sociais ou mesmo, fundos de assistência financeira não é novidade e nem é recente. Fontes (2003) informa que as primeiras experiências datam do século XVIII e XIX, através da “Lending Charity” (concessão de fundos de caridade para pequenos negócios em Londres, no século XVIII).

✓ Na Irlanda, Itália e Alemanha, as primeiras experiências de crédito cooperativo foram realizadas no século XIX. Ainda nesta época, Jonathan Swift criou um fundo rotativo de 500 libras para pequenos produtores que apresentaram garantia de dois vizinhos.

✓ Outras experiências importantes: fundos rotativos de crédito através do Central Board, em Dublin, gerando cerca de 300 fundos independentes. Na Alemanha, há registros da experiência da Associação do Pão, criada pelo pastor Raiffeisen, mediante um fundo rotativo para o fabrico do pão e recuperação dos pequenos agricultores.

✓ Em Quebec, no Canadá, Alphonse Desjardins idealizou as *Caisses Populaires*, experiência que atualmente conta com cinco milhões de associados e mais de mil agências. É provável que este programa se aproxime dos Bancos Comunitários, aqui no Brasil.



Desjardins
Caisse populaire
de Lévis

✓ Nos Estados Unidos, a *Liga do Crédito* é uma experiência de iniciativa de Walter Krump, executivo de uma metalúrgica que passava dificuldades. Idealizou os fundos de ajuda, formados por depósitos voluntários mensais dos operários no valor de U\$ 1,00. Esta prática se institucionalizou através de uma Federação.

FUNDOS SOLIDÁRIOS NO BRASIL: CONCEITOS, CARACTERÍSTICAS E CASOS CONCRETOS

Os FRS, no âmbito das políticas de fomento à Economia Solidária, na ótica de Bertucci (2003) constituem

uma metodologia de apoio financeiro às atividades produtivas de caráter associativo mediante compromissos devolutivos voluntários, considerando formas flexíveis de retorno monetário ou de equivalência por produtos ou serviços, ou ainda, sem retorno, dirigidos para o atendimento de comunidades ou grupos associativos produtivos que adotam princípios de gestão compartilhada e convivência solidária.

Estes fundos solidários têm uma longa história no Brasil, mas é a partir dos anos 80 que assumem dimensão mais concreta junto aos movimentos sociais e às atividades comunitárias em geral. No decorrer dessa trajetória, a dinâmica e a operacionalização diversa dos mesmos consolidaram diretrizes amalgamadas por sua prática social, constituindo-se critérios de inclusão de beneficiários, socializados e consensuados no âmbito dos programas e projetos de fomento financeiro a empreendimentos solidários. Tais diretrizes podem ser traduzidas pelos seguintes tópicos:

- ✓ Ações que refletem **articulação em redes de cooperação social** e levam em conta práticas de desenvolvimento territorial solidário;
- ✓ As entidades beneficiárias levam em conta a **preservação do meio-ambiente onde atuam**, nunca representando ameaças à saúde humana e aos recursos naturais renováveis decorrentes do exercício de atividades econômicas;
- ✓ Os empreendimentos produtivos solidários desenvolvidos tanto nas áreas urbanas e rurais contemplam segmentos da agricultura familiar, dos trabalhadores assentados, atividades rurais não agrícolas, segurança alimentar, sempre na perspectiva da **formação e aperfeiçoamento profissional e da sustentabilidade**;
- ✓ As organizações beneficiadas disponibilizam, para efeito de **sistematização e acúmulo de experiências**, suas metodologias, critérios e estratégias de **gestão compartilhada**.

Ao longo da trajetória dos FRS percebe-se a rápida ampliação do número de entidades que começaram a trabalhar com fundos para pequenos projetos comunitários e fundos rotativos solidários: a Pastoral da Criança em 1989, o Instituto Marista de Solidariedade em

1995, Obras Kolping, Serviço de Análise e Assessoria de Projetos Fase/Saap, Camp/Fundo Sul, Fundação Luterana de Diaconia, entre outras.

Em 1993 surgiu o primeiro FRS gerido pela Articulação do Semi-árido – ASA, no Município de Soledade, na Paraíba. Os fundos da ASA mobilizavam – e ainda hoje mobilizam – recursos da própria comunidade. Inicialmente estavam orientados para a construção de cisternas de placas e outras estruturas comunitárias, na perspectiva de uma educação para o manejo sustentável dos recursos hídricos e, também, para implantação de bancos de sementes. Tinham como fundamento o compromisso de cada família em contribuir para um fundo comunitário, em pequenas parcelas, um valor equivalente aos recursos recebidos e, assim, possibilitar que outras famílias pudessem ter acesso a este benefício.



Ao longo da década de 90, a prática de implementação de pequenos projetos comunitários e constituição de fundos solidários recebeu grande estímulo para sua expansão quando a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, sob a liderança de Betinho, fez uma grande campanha de apoio a projetos de geração de renda. Neste período, aumentaram significativamente os recursos da sociedade civil para pequenos projetos alternativos e para fundos solidários.

A Pastoral da Criança trabalhando com recursos da Campanha Criança Esperança da Rede Globo, a Cáritas (e outras entidades ligadas à Igreja Católica) manuseando recursos arrecadados dos fiéis brasileiros. A partir de 1999, os recursos oriundos da Coleta da Campanha da Fraternidade da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) foram integralmente destinados aos Fundos Nacional e

Diocesanos de Solidariedade, que se dedicaram a viabilizar projetos produtivos comunitários em todo o País.

Como resultado imediato da criação e atuação dos FRS, assistimos o desenvolvimento de uma forma específica de financiamento às iniciativas econômicas populares, que são as finanças solidárias; estas, ao lado de outras propostas, tais como as cooperativas populares de crédito, as entidades de crédito popular solidário, os clubes de trocas com moedas sociais, espalham-se por o todo país e dão surgimento às diversas redes que têm como foco o fomento e a constituição de mecanismos financeiros voltados aos setores populares.

Essas experiências comprovam a capacidade de os FRS chegarem até um público que tradicionalmente tem ficado à margem das políticas públicas, disponibilizando recursos e outros serviços que impulsionam a organização de atividades produtivas por parte dessa população.

Isso só é possível pela capilaridade que os fundos solidários possuem e pelo aproveitamento adequado dos recursos disponíveis no local, valorizando as estruturas e sinergias existentes. Essa proximidade e a interação que os fundos estabelecem a integração e o desenvolvimento local comunitário e solidário. Ademais, há de se ressaltar a importância que têm esses processos de autofinanciamento dentro de práticas educativas emancipatórias: a população mais pobre possui, mesmo que sua expressão monetária seja diminuta, uma enorme capacidade de mobilizar suas poupanças em função de estratégias coletivas.

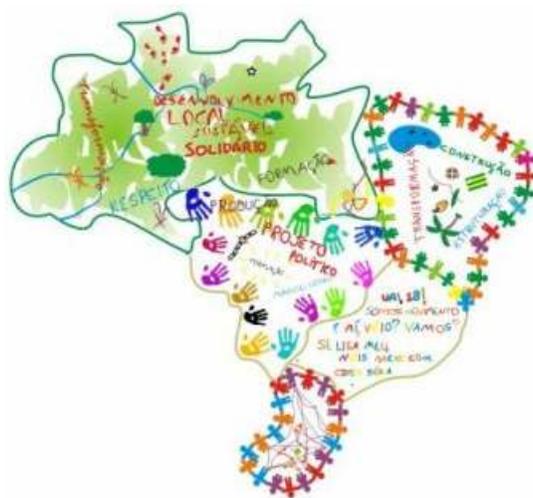
Em suma, o significado do conjunto das experiências com os FRS traduzem a escolha de trabalhadores de viverem formas distintas das frenéticas relações sociais de produção pós-modernas como opção de vida. São movimentos sociais que elegeram a autogestão, a produção coletiva e cooperativada, a adoção de prosaicos estilos de sociabilidade em seus territórios. Principalmente nos espaços rurais, estes movimentos sociais produtivos situam-se nos níveis de subsistência e de acumulação simples.

Trata-se de um tabuleiro gigantesco que representa a contraposição da nova economia, globalizada e excludente, versus pequenos “pontos de luz”, aqui entendidos como experiências comunitárias sustentáveis como as Bodegas da Cáritas, no Ceará e a

eloqüente concretude e eficiência dos fundos rotativos solidários do Pólo Sindical da Borborema, na Paraíba, a experiência do turismo comunitário da Prainha do Canto Verde, dentre outras. O que estes movimentos sociais considerados “pontos de luz” querem dizer?

Suspeitamos que as suas ações e vozes simbolizam a convicção de que os trabalhadores rurais associados daqueles territórios querem simples e prosaicamente armazenar água nas cisternas de placas, criar animais domésticos, cultivar o inhame, praticar a apicultura, construir casas e igrejas através de mutirões, preservar os seus territórios da especulação imobiliária e discutir os problemas locais, enfim, viver em harmonia com o meio ambiente.

Tais manifestações destes *modus vivendi* multiplicam-se no país inteiro. Estão em todas as regiões e se identificam com os fundos solidários de Caiçara, na Paraíba; com a convivência com o semi-árido na Lagoa dos Cavalos, no Ceará; com os Criatórios Comunitários do Pajeú, em Pernambuco; na Associação dos Trabalhadores do Sisal, na Bahia; nos Fundos Rotativos do Sul e Feira Solidária de Santa Maria, no Rio Grande do Sul; na produção coletiva excedente dos projetos de assentamento do MST, além de dezenas de experiências, país afora, com os Bancos Comunitários. Todas elas contaram com o apoio decisivo das finanças solidárias, quer oriundas da cooperação técnica internacional, quer decorrentes de recursos do governo brasileiro, ou até mesmo formadas por poupanças populares ou campanhas como a do CredCidadania, em Pernambuco. Isso atesta a eficiência dos FRS como estratégia de emancipação social e combate à pobreza. Suspeitamos que há mais “pontos de luz” nestes Brasis afora. Cabe-nos, agora, encontrá-los, mapeá-los e fazê-los redes!



Em suma, o resultado da ainda desconhecida experiência de fomento aos FRS não é desprezível. Recentemente, algumas dessas comunidades da Paraíba que praticam os princípios dos fundos rotativos solidários lograram o prêmio Metas do Milênio da ONU. Tal resultado aponta para a eficiência dos fundos solidários como estratégia de inclusão social e faz ecoar o brado do lema: “Pelo direito de Trabalhadores Produzirem e Viverem em Cooperação de Maneira Sustentável”. Vamos fazer a história.

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL
CARLOS EDUARDO SANTIAGO
cadupsan@gmail.com

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2010

BERTUCCI, Ademar & SILVA, Roberto M. **Vinte anos de economia popular solidária:** trajetória da Cáritas Brasileira – dos PAC á EPS. Brasília, Cáritas Brasileira, 2003

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 1999

FONTES, A.M. (Org.). **A expansão das microfinanças no Brasil.** Rio de Janeiro: IBAM, 2003

FUNDAÇÃO GRUPO ESQUEL. **Fundos solidários:** por uma política de emancipação produtiva dos movimentos sociais. Caderno 1. Brasília, 2009

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2002

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *O Manifesto do Partido Comunista*, in Obras Escolhidas. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978

OIT. Informe sobre o emprego no mundo. Brasília, DF, 2006

POLANYI, Karl. **A grande transformação:** as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Campos, 2000

SACHS, Ignacy. **Inclusão social pelo trabalho decente:** oportunidades, obstáculos, políticas públicas: Texto para discussão para o Escritório no Brasil da OIT. 2004. Mimeografado

SANTIAGO, Eduardo G. **Empreender para sobreviver:** ação econômica dos empreendedores de pequeno porte. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2005

SILVA. H. E. DA. Microcrédito: alguns conceitos básicos. **Geranegócio**. Disponível em:

WWW.geranegocio.com.br/html/geral/microcredito/mcred.html.

Acesso em: 10 set.2004